



ESTAFETA



ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, DEZEMBRO/2017 - ANO XXII - Nº 263

EDITORIAL

Estamos às vésperas de mais um Natal. Tempo de festas e de confraternização. Apesar deste ano não ter sido fácil para nós, brasileiros, alegremo-nos com a data. Há sempre esperança de dias melhores. Como em todo dezembro, luzes e cores enfeitam as cidades e a vida das pessoas. É tempo de comemorar junto a amigos e familiares a graça da vida e tudo que de bom que recebemos ao longo dos últimos doze anos. Em todos os anos, já nos primeiros dias de dezembro, a figura carismática de Papai Noel, o bom velhinho, passa a ocupar os meios de comunicação nos convidando para a festa do consumo.

Este é um período para se exercitar a generosidade. É tempo de dar e de receber... Na expectativa de mais um Natal, para nosso desalento o IBGE divulgou, este mês, uma pesquisa que nos incomoda e provoca inquietante reflexão: indicadores sociais revelam uma realidade perversa para crianças e jovens no Brasil. Cerca de 12,5% da população brasileira de 0 a 14 anos vive na extrema pobreza e 43,4% na pobreza, segundo dados levantados pelo estudo. Em números absolutos, 5,2 milhões de brasileiros de 0 a 14 anos vivendo na extrema pobreza e 18,2 milhões na pobreza. Estes tristes dados evidenciam que o futuro do país se encontra ameaçado.

Historicamente, o Brasil sempre foi um país com pobreza concentrada em crianças e jovens e, apesar do retrocesso recente, as condições desses grupos melhoraram nas últimas décadas com a implementação de programas sociais como Bolsa Família e Bolsa Escola. No entanto, esses programas não foram suficientes para reverter a pobreza nestes que são os mais vulneráveis. Precisamos urgentemente de políticas públicas ativas para a infância e a juventude. Nossos votos, nesse período de festas, são de que não deixemos que a figura singular do Papai Noel ofusque a do Menino do Presépio, aniversariante e motivo da festa e do feriado de 25 de dezembro, chama viva que aquece nossos corações e que nos impulsiona a trabalhar para que todas as crianças possam fazer de todos os dias do novo ano um Feliz Natal.



Reprodução da Internet

Entender o verdadeiro significado do Natal é vivenciar o nascimento do Salvador todos os dias! Que o Menino Jesus faça morada em seu coração, irradiando luz e amor.

A essência do Natal

A essência do Natal é o nascimento do Salvador. Esta é a data mais conhecida e festejada do mundo. É o momento em que a solidariedade e a generosidade dos espíritos afloram. No Natal, celebramos a vida e a presença das pessoas mais queridas ao nosso lado. Por isso, o ato de presentear se reveste de significado tão especial, pois é oportunidade para cada um de nós demonstrar, simbolicamente, o afeto que sentimos pelos que nos cercam.

Mas a data, tão arraigada nos nossos costumes, reserva uma história pouco conhecida. Ao contrário do que pensamos, 25 de dezembro não é exatamente a data em que Jesus Cristo nasceu (na verdade o dia preciso nunca foi estabelecido). Somente 337 anos d.C. é que o Natal passou a ser comemorado no dia em que hoje o celebramos. Até então, festejou-se o nascimento em várias datas: 6 de janeiro, 25 de março e 20 de maio.

Os romanos comemoraram tanto o nascimento quanto o batismo de Cristo no dia 6 de janeiro. Depois, cálculos foram refeitos e passou-se a aceitar o dia 20 de maio como a data mais aproximada do nascimento de Jesus. Maio, no hemisfério Norte, é plena primavera. E foi nessa estação, segundo relatos, que os pastores, cuidando do seu rebanho, começaram a anunciar a chegada

do filho de Deus.

No século IV, porém, a Igreja decidiu fazer uma revisão da data e passou a adotar o 25 de dezembro como o dia a ser comemorado. Ela tentava se contrapor aos ritos pagãos que persistiam, a despeito da oposição dos cristãos. Exatamente nesse dia era comemorado o nascimento do deus sol, Mithra, cultuado em grandes paradas e festejos que culminavam na troca de presentes. Também Saturno, o deus da agricultura, era celebrado nessa época “Nós abraçamos esse dia santo não por causa do nascimento do sol, como fazem os pagãos, mas por causa d’Ele, que criou tudo, inclusive o Sol”, escreveu um teólogo em 320 depois de Cristo.

A data foi oficializada pelo imperador Constantino, em 337. Dezesete anos depois, Libério, bispo romano, – mais tarde Papa Libério, o 36º papa da Igreja – reforçou a importância do feriado. No século XIX, por influência dos ingleses, o Natal passou a ser celebrado por quase todos os povos. Desde então o dia 25 de dezembro se transformou num símbolo de confraternização universal.

Neste fim de ano, que o espírito natalino traga aos nossos corações a fé inabalável dos que acreditam em um novo tempo de paz e amor! Boas festas!

Imagem - Memória

Fotos Arquivo Pró-Memória



Presidente Dutra discursando no refeitório da FPV



Presidente Dutra, o governador de São Paulo, Ademar de Barros, e autoridades na inauguração do Hospital da FPV em 28/8/48



O Presidente Dutra e o General Aquino, diretor da FPV, chegam ao Cassino dos Oficiais



Acessível, o Presidente Dutra conversa com populares em frente ao Hospital da FPV

Um discurso presidencial

Repercutiu positivamente nos principais jornais do país o discurso do presidente Eurico Gaspar Dutra em Piquete, quando da inauguração do Hospital da FPV, em agosto de 1948.

O General Dutra era um antigo conhecido dos piquetenses. Enquanto Ministro da Guerra de Getúlio Vargas, Dutra acompanhou o presidente por duas vezes em visitas à Fábrica: em julho de 1939 e em outubro de 1940. Esteve, também, por diversas vezes, com comissões de técnicos vistoriando as obras de construção da fábrica de Base Dupla. Admirado e querido pelo operariado, ganhou o carinho de todos pela simplicidade e facilidade com que dialogava com aqueles que o procuravam. À época, a direção da Fábrica, com o apoio do Exército, elaborava e executava vasto trabalho social em Piquete, de maneira que o operariado e seus familiares podiam usufruir de atenções especiais nas áreas de saúde, educação, esporte e lazer. Além disso, vilas operárias e favorecimento para a construção da casa própria eram dispensados a todos.

Sucessor de Getúlio Vargas, o presidente Dutra, eleito por voto direto em 2 de dezembro de 1945, deu continuidade ao vasto trabalho desenvolvido em Piquete na modernização industrial e nas áreas sociais, com o apoio do governo federal.

Naquele 28 de agosto, após a cerimônia de inauguração do hospital, que contou com

a participação de milhares de operários e seus familiares, Dutra visitou o Jardim da Infância, o Parque Zoológico, o Aquário, o cinema dos operários e a Vila Duque de Caxias. Às 13h, foi recepcionado com almoço no refeitório da Fábrica, quando foi homenageado. Na ocasião foi saudado pelo operário Augusto Ribeiro de Souza e, ao final, sob entusiástica aclamação, proferiu significativo discurso em que enalteceu a importância da mão-de-obra operária na construção do imenso parque bélico, bem como nas obras sociais idealizadas e desenvolvidas pela direção da Fábrica. Dutra afirmou em seu discurso que a Fábrica de Piquete tinha lugar de destaque em seu coração, pelo que representava para as forças armadas e o povo brasileiro. Destacou, ainda, que, a despeito da II Guerra, conseguiu em poucos anos realizar uma completa transformação que colocou o estabelecimento em promissor e lisonjeiro nível técnico, ampliando a produção de nitroglicerina e de pólvora de base dupla. Tributo à ajuda do operariado o sucesso daquela empreitada.

Continuando, reforçou ser agradecido aos artífices, operários, mestres de ofício, alunos, professores e químicos que cooperaram intensamente com os militares administradores da Fábrica, que renovaram o parque industrial militar. Em sua avaliação, Piquete era exemplo a ser seguido, pois aqui uma indústria produtiva, com

recursos próprios, investia em ações sociais, oferecendo oportunidades educacionais e cuidando igualmente de todos, proporcionando assistência à produção e ao transporte. Reconheceu, também, que o sucesso alcançado pela Fábrica era norteado de acordo com os mesmos princípios que norteavam as ações do Exército. Havia elevado nível de eficiência técnica e solidariedade, que uniam, no trabalho, os administradores da Fábrica e os que labutavam em todas as suas dependências. Reforçou que o progresso material precisava do progresso social e por ele deveria ser acompanhado, pois, assim, garantiriam iguais oportunidades na luta pela vida e estreitariam ainda mais os laços de solidariedade.

Dutra concluiu afirmando que a Fábrica Presidente Vargas, administrada pelo Exército, era, ao mesmo tempo, uma escola de disciplina e uma escola de solidariedade. Ao final, referindo-se à indústria nacional, expressou seu desejo de que os responsáveis pelas indústrias brasileiras olhassem para o fator essencial que são as relações humanas e para as responsabilidades que delas advêm.

O discurso de Eurico Gaspar Dutra, todo entrecortado por aplausos, terminou apoteoticamente com a execução do Hino da Fábrica, que oficiais, praças e operários entoaram acompanhados pela banda composta de funcionários e operários da FPV.



GENTE DA CIDADE

Rita Junqueira

O casal José Dimas Junqueira e Olga Alves Junqueira, mineiros de Caxambu e Luminárias, respectivamente, mudou-se para Piquete em 1939, para morar no Itabaquara. A família chegou com três filhos. Aqui foram mais cinco, incluindo Rita Helena Junqueira, nascida a 28 de setembro de 1947.

Os gestos delicados e elegantes e a fala tranquila, num Português correto, são características que definem bem Rita Junqueira, como é mais conhecida em Piquete. Também a distingue o entusiasmo quando o assunto é o ensino público em nosso país. Faz críticas à legislação e às propostas pedagógicas impostas por intelectuais que não conhecem a realidade da sala de aula. Afirmar ser o sistema o responsável pela frágil nível do ensino público.

Rita fala com carinho da Fazenda Itabaquara – ainda hoje propriedade da família –, onde morou até o terceiro ano do primário, cursado na escola do bairro. Cita, reverente, a primeira professora, Áurea Braga. Dos amigos de infância, destaca a família de Zé Bertolino: “Era com eles que convivíamos mais”. Quando fala do pai, ressalta sua liderança na pequena comunidade do Itabaquara: “Ele era referência... Nos dezembros, os vizinhos eram convidados para uma novena preparatória para o Natal, seguida de um café mineiro. Era uma alegria só, principalmente, para nós, crianças. Papai tinha noções de enfermagem e tomava a frente atendendo os vizinhos com os primeiros socorros”. Complementa, ainda, com indisfarçável orgulho da memória do pai: “Ele mandava todas as cobras que encontrava para o Butantã e mantinha em casa soro antiofídico. Salvou muita gente.” Na sequência, fala da admiração e do respeito pela mãe: “É meu exemplo de dedicação e amor ao próximo”.

Como a escola do Itabaquara só atendia até o terceiro ano, veio para Piquete continuar os estudos: “Meus irmãos mais velhos já estudavam na cidade; vinham diariamente a cavalo... Eu fiquei em casa de amigos até a sexta série, quando papai alugou uma casa na cidade para a família”. Aqui cursou o Grupo Escolar Antônio João, o Ginásio da Fábrica Presidente Vargas e a Escola Normal Livre Duque de Caxias, na qual se formou em 1965.

Iniciou a carreira de professora em Bananal, nos anos de 1966 e 1967. Tendo ingressado na Faculdade Salesiana de Filosofia, Ciências e Letras (atual UNIFATEA), retornou para Piquete. “Meu irmão Sebas-



tião Junqueira, à época sargento da Aeronáutica, pagou meus estudos. Sou-lhe muito grata. Mais tarde arqueei com as despesas da faculdade de duas de minhas irmãs. Nós nos ajudávamos”, conta. No último ano, já lecionava no Bairro dos Marins e finalizou a faculdade em Itajubá: “A semana de aulas era condensada na sexta e no sábado; eu ficava durante a semana nos Marins, seguia para Itajubá na sexta e retornava no sábado à noite para Piquete”. Após a formatura, foi lecionar em Diadema. De lá, concursada do Estado, foi para São Paulo.

Rita fez a complementação pedagógica e, em 1988, foi aprovada como diretora. Estava em Guarulhos. Quando se aposentou, em 1992, continuou na Prefeitura daquela cidade, agora como Pedagoga. Em 1996, Rita voltou a morar em Piquete. Em 2000, “sem conseguir ficar parada”, iniciou a faculdade de Direito, na UNISAL, em Lorena. Em 2003 assumiu a Secretaria de Educação do município, na gestão do prefeito Carlinhos Sessão. Mais tarde, já em 2013, retornaria ao cargo, agora no mandato da prefeita Teca Gouvêa. Já há um bom tempo, é voluntária na Comissão de Reforma da Vila Vicentina: “Conseguimos reformar 28 casas. Hoje o trabalho maior é de manutenção da Vila”.

A vida de Rita Junqueira foi baseada na Educação. “Tomo por base minha família. Fomos filhos de fazendeiros, mas a vida não era fácil. Todos crescemos, pessoal e profissionalmente, por meio dos estudos. Se você me perguntar qual minha maior alegria, a resposta é: ter alfabetizado uma pessoa com mais de cinquenta anos. Foi recentemente, em Piquete. Contribuir para garantir mais cidadania a uma pessoa é um privilégio”, afirma.

Rita Junqueira é uma educadora nata... Uma mulher de fibra, forte, lutadora e solidária. Uma piquetense que torce por Piquete, que seria, não há dúvidas, mais pobre sem ela.

Aos formando do Ensino Médio 2018

Laura Chaves

Aos formandos do Ensino Médio de 2018

Estamos em época de formaturas... Então meu texto vai direcionado a eles – aos formandos de 2018.

De início, para escrever esse texto perguntei a mim mesma: o que gostaria de ter ouvido em minha formatura de Ensino Médio há exatos 38 anos? Cheguei, penso eu, a uma resposta interessante: Que tal falar de algumas lições que aprendi depois de formada? Confesso, entretanto, que olhar de volta para a garota de 17 anos que eu era na formatura foi uma experiência ligeiramente desconfortável para uma mulher de 55 anos. Mas já passou. Então, vamos às lições. São apenas três.

Logo que ingressei no mundo adulto, aprendi que jovens bem educados, inteligentes, talentosos e bacanas também passam por dificuldades e momentos difíceis. Também experimentam o fracasso. É praticamente impossível viver sem passar por momentos difíceis... E a dica é: viva sem se atentar ao erro, às falhas ou aos fracassos porque não se aprende apenas com eles. É possível também aprender muito com os acertos e são eles que devemos focar.

Pois bem! Essa primeira lição trouxe na garupa a segunda: com as experiências de fracasso aprendi que heróis nem sempre usam capas. E geralmente atendem pelos nomes de mãe, pai, irmão, tio, tia... Quando a coisa aperta, são eles que nos salvam. Por isso, é interessante atender o celular quando eles ligam, responder imediatamente às mensagens de whatsapp, não tentar esconder nada deles e jamais se esquecer do presente nas datas importantes. E, quando temos sucesso, são eles os que mais vibram!

Por fim, se eu pudesse entrar em uma máquina do tempo e magicamente retornar àquela cabeça e ao corpinho de 17 anos, eu diria a mim mesma que uma vida bacana, estável, feliz vai muito além da escolha de um curso superior, de um diploma e das aquisições materiais feitas ao longo da vida. Aprendi que a conexão com um Ser Superior, o cultivo de boas amizades e a capacidade de agradecer por tudo nos permitem viver a vida que vale a pena ser vivida.

Reveladas essas lições, mesmo sabendo que em breve não se lembrarão de nenhuma delas, desejo aos queridos formandos que, conforme nos ensinou o filósofo pós-socrático, Sêneca, vivam a vida sem se importar com o tempo que irá durar, mas, sim, com quanto boa ela será. Sigam em frente!



Rita e colegas em frente à Escola do Itabaquara, em 1955

Fim de Ano

Mais um ano se encerra, mais um ciclo se fecha.

É hora de rever o que deu certo e o que não deu certo. É hora de arrumar as coisas, jogar fora papéis inúteis, arrumar a casa da vida, do trabalho e do coração. É hora de repensar nossas atitudes, o modo como vivemos e mudar aquilo que foi ruim. É hora de reflexão. Sem nos darmos conta, mais um ano se passou. O tempo é o que temos de mais valioso. É preciso bem aproveitá-lo. Cada ano que se passa é um tempo que não se repetirá – um será diferente do outro. Não deixemos que os anos passem em brancas nuvens. Persigamos nossos sonhos. Façamos valer a pena. Aproveitemos as boas energias do fim do ano e o espírito do Natal para planejar o futuro.

Que venha o Ano Novo! Que não seja somente um ano a mais, mas, sim, um ano mais especial que o anterior! O ano que passou deixará boas e más lembranças. Afinal, todos os anos deixam marcas, sejam elas boas ou ruins.

Final de ano, tempo de festas e celebração, mas também tempo de reflexão, análise e recomeço. Para trás está ficando 2018: do sofrimento e das lágrimas vamos guardar apenas a certeza de que sobrevivemos; dos erros guardemos aprendizado; das dificuldades vamos nos lembrar do momento de superação.

Devemos sentir alegria e gratidão por mais um ano vivido, cientes de que o importante é chegarmos até o final desse ciclo mais experientes, mais fortes e mais sábios. Sigamos firmes em nossos propósitos. Agora é tempo de encher o coração de otimismo, esperança e projetos. É tempo de recomeçar e de renovar, pois um novo tempo se apresenta e devemos bem vivê-lo e aproveitá-lo ao máximo. O próximo ano tem tudo para ser especial. Só depende de nós. Acredite em sua capacidade! Respeite-se! Cuide de ser feliz e não deixe de correr atrás de seus sonhos!

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor: Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Professor Luiz de Castro Pinto, 22

Tels.: (12) 3156-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

Acontecendo em Piquete...



Fotos Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Crianças em movimento: saúde e disciplina

Na noite do dia 09 de Dezembro aconteceu, no salão social do Clube Estrela, o festival anual de dança promovido pela Prof. Regina Chaves, com apresentações de ballet baby class, jazz pop e dança típica italiana “tarantela”. Atuando na área há 25 anos, a professora ministra aula no Montanhês Clube de Piquete, contando, atualmente, com 22 bailarinas, de 3 à 18 anos.

Nova imagem de São Miguel na Igreja Matriz



Foto Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Desde 29/11 uma imagem de São Miguel, obra dos escultores Elias dos Santos e seu filho Marcelo dos Santos, está em frente à Igreja Matriz de São Miguel.

Instalada em posição de destaque, a imagem foi idealizada pela Rota São Miguel para celebrar os 130 anos da Paróquia e tem atraído visitantes e romeiros, que encontram ali, além de um local para oração e contemplação, beleza e harmonia.

São Miguel Arcanjo é o padroeiro de Piquete. A atual Matriz, iniciada na década de 1960 e finalizada em 1970, guarda, além da belíssima arquitetura, detalhes que a tornam única. O projeto do arquiteto Prometeu da Silveira é a primeira igreja da região construída após o Concílio Vaticano II, seguindo, portanto, as novas regras nele fixadas. Vale destacar que o projeto inicial era anterior ao Concílio e teve de ser adaptado.

IEV premia membro da Fundação Christiano Rosa

O Instituto de Estudos Valeparaibanos realizou, no dia 7 de dezembro, na UNISAL, em Lorena, sua premiação anual. Entre os homenageados estava o membro da Fundação Christiano Rosa, Laurentino Gonçalves Dias Jr., que recebeu o Prêmio Eugênia Sereno pela organização, juntamente com o Pe. Fábio Nogueira de Sá, pároco da cidade de Cunha/SP, do livro “Divino: Fé e Tradição em Cunha”.



Foto Andréia Marcondes

Premiados e Diretoria do IEV



Fotos Laurentino Gonçalves Dias Jr.

A festa da solidariedade

A solidariedade deve ser a tônica, sempre! E é isso que vemos na festa organizada anualmente por Dulciléia Krbavac, que distribui presentes a mais de 130 crianças piquetenses. Com o apoio dos “padrinhos”, todas recebem um kit de presentes, roupas e material de higiene pessoal, distribuídos numa festa com muita comida, bebida, brincadeiras e música. Ainda mais importante do que os presentes é a mensagem de cidadania e de amor transmitida às crianças

e suas famílias. No dia 8 de dezembro, o galpão que fica ao lado do Recinto de Festas Miguel Purcino Ferreira ficou lotado com as crianças e as famílias, além dos amigos que colaboram com Dulciléia. Durante boa parte da manhã, num espaço arrumado e decorado, foram distribuídos lanches e doces e houve muita brincadeira. Ao final, a entrega dos presentes pelo Papai Noel completou a Festa.

Presenciar a alegria das crianças ao receber os presentes é um privilégio. Crianças são sinceras; não conhecem preconceitos nem a maldade. A gratidão que expressam é espontânea. Impressiona, também, a felicidade dos pais ao verem a alegria dos filhos. Parabéns, Dulciléia Amaral, pelo empenho anual, aos padrinhos que contribuem, e a todos que direta ou indiretamente, colaboram com a organização.

Fundação Christiano Rosa na luta pela qualidade da água

A Fundação Christiano Rosa, membro do Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio Paraíba do Sul (CBH-PS), e do CEIVAP (Comitê de Integração da Bacia Hidrográfica do Rio Paraíba do Sul), participou da Rio Water Week, que aconteceu na cidade do Rio de Janeiro entre os dias 26 e 28 de novembro. O evento, que contou com palestrantes nacionais e internacionais, lotou o Riocentro, conhecido espaço para convenções na capital carioca, nos três dias foi organizado pela ABES (Associação Brasileira de Engenharias Sanitária e Ambiental) e outros diversos organismos brasileiros relacionados à água. A base da Rio Water Week foram os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), um apelo universal da Organização das Nações Unidas (ONU) à ação para acabar com a pobreza, proteger o planeta e assegurar que todas as pessoas tenham paz e prosperidade. Entre os 17 objetivos estabelecidos na Conferência das Nações Unidas sobre desenvolvimento sustentável, também realizada na capital fluminense em 2012, tomou-se como foco, na Rio Water Week, o sexto, que versa sobre água limpa e saneamento: “Deve-se garantir disponibilidade e manejo sustentável da água e saneamento para todos”. Tiveram destaque apresentações de projetos bem sucedidos de distribuição de água com qualidade em favelas cariocas – onde, por vezes, é dificultado o acesso às prestadoras municipais do serviço

de abastecimento – e seu impacto na diminuição das doenças relacionadas à falta de esgoto, por exemplo. Também chamou a atenção a importância dada à gestão das concessionárias, evidenciando a necessidade de se bem atender à população. Ficou evidente a avaliação de que são muito bem-vindas as ferramentas de gestão, especialmente se elas visarem ao fornecimento de água de qualidade suficiente e de boa qualidade indistintamente. Não se aceitam mais, porém, altos lucros distribuídos aos acionistas em detrimento da qualidade do serviço prestado à sociedade. Especificamente sobre o Paraíba do Sul, mereceu a atenção de muitos convidados uma mesa de discussão sobre a governança participativa na gestão de águas entre bacias. Participaram, pelo CEIVAP, Eduardo Dantas e Matheus Cremonese, secretário e vice-presidente, respectivamente, e, pelo Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio Guandu, Júlio Antunes, presidente daquele CBH. O Guandu, vale lembrar, é um rio de pequeno porte e recebe águas, por meio de transposição, do Paraíba do Sul, para abastecimento de cerca de 80% da população do Rio de Janeiro. A Fundação Christiano Rosa foi representada pelo engenheiro químico Laurentino Gonçalves Dias Jr., que compareceu ao evento patrocinado pelo CEIVAP, no qual é representante da sociedade civil do estado de São Paulo.



Debate sobre governança participativa interbacias na Rio Water Week



Foto Arquivo Pré-Memória

Crônicas Pitorescas

Uma Missa do Galo

Palmyro Masiero

Fatos e personagens reais. Por razões que se evidenciarão, omitiremos os nomes, assim como a cidade do Vale que foi palco do evento.

Ela, octogenária, cabelos branquinhos e bem cuidados, suavemente maquiada, vestindo-se sempre com apuro e elegância. Trazia consigo vestígios de uma aristocracia já passada. Há muitos e muitos anos professora de piano e notável concertista. Apesar da idade, seus dedos ainda corriam livres e soltos pelo teclado, como se incontáveis borboletas pousassem aqui e ali.

Ele, mais jovem, pouco ultrapassando a casa dos setenta, esbelto e vaidoso dentro de seu terno eternamente impecável. Alva cabeleira longa... Excepcional solista no instrumento que notabilizou Paganini. Seus dedos sinistros apertavam as cordas e o arco manejado pela destra deslizava liberto sobre elas, deixando no ar sons que transportavam os ouvintes para uma singular dimensão.

Conheciam-se e respeitavam-se pessoal e artisticamente. Algumas vezes apresentaram-se juntos e os amantes da música erudita saíam embevecidos do concerto, como se retornando de um mundo extra-sensorial. Uma dupla de virtuosos!

Ambos foram convidados para, juntamente com um coral de quarenta seminaristas, se apresentar na celebração da Missa do Galo, na noite de Natal, em aleluias ao nascimento de Deus feito homem.

Aceitaram. Ela tocava órgão. O maestro já preparara os arranjos e tiveram início os ensaios. A cada dia chegava-se mais perto da perfeição melódica. Casamento perfeito do coral, em quatro vozes, com os acordes do órgão e a linha musical aveludada, sonora, do violino.

Véspera do Natal. Meia-noite. A Catedral (pista...) estava maravilhosamente decorada, com suntuosa iluminação e abarrotada de fiéis. Os harmoniosos acordes envolviam a nave da casa do Senhor. Missa para se sair confiante no amor como fonte única de vida. Hora transcorrendo na paz da louvação.

A missa foi sobejamente enternecedora, apesar do que acontecera no último ensaio: levandade maliciosa. Após a passagem final de todo o repertório, magistralmente interpretado, o maestro, num lance espontâneo, não se conteve em elogios à performance dos dois vetustos músicos. O violinista, em sua candidez, falou:

– Eu e a... sempre fomos afinados.

Foi a vez de ela exprimir o que sentia:

– Quando harmonizo com o..., nós sempre acabamos juntos.

Ouviu-se um coral de risos dos seminaristas, sonoro, irreverente, em pleno altar onde se realizava o derradeiro ensaio, com cada um em seu definitivo lugar. Os dois anciãos enrubeceram enquanto os rapazes recebiam uma artilharia de flechas atiradas pelo olhar fulminante do maestro.

Como já disse, a missa foi divina. Prova que Deus entendera a pureza e a intenção dos artistas sobre o que disseram. A missa foi sublime, repetimos. Sinal de que durante o ato sagrado os seminaristas componentes do coral estiveram sob perdão. Se passada a cerimônia, o Homem aprontou-lhes algum castigo, aí eu não sei.

Onde já se viu passar tal malícia pela cabeça dos futuros ministros de Deus?!

Mas... quem não peca não pode pedir perdão e, de acordo com o samba do Ataulfo, perdão foi feito para gente pedir, confere?!

Neste Natal, procure a sua poesia

Laurentino Gonçalves Dias Jr.



“A poesia é uma arma contra as forças escuras, contra o império da injustiça, da arbitrariedade e do terrorismo.” A frase é do tradutor e poeta brasileiro Thiago de Mello.

Aprendi a gostar de poesias... Poderia citar várias aqui que me encantam. Algumas eu as leio e releio várias vezes e sempre me emociono. Aprendi a gostar de poesias ouvindo poesias... Apaixonado que sou por Bethânia, a intérprete, deixei-me levar por suas declamações, já que, em todos os seus shows, ela “ousa e gosta de se expressar também através da palavra falada”. Por meio dela, conheci poetas, o sertão, o cerrado, o caipira, o Brasil...

A poesia me aproximou da natureza, da beleza que tem a pedra, o limpar o nariz com o braço direito, o colher frutas nos pomares... A poesia tornou-me mais sensível à simplicidade, à pureza da criança, à riqueza das rugas, à singularidade da arquitetura; tornou-me mais humano.

Hoje consigo ver poesia no milagre da vida, na dureza do dia a dia, na luta pelos nossos direitos, na batalha para cumprir nossos deveres... Hoje vejo poesia na falta de poesia, pois a beleza está no buscar o sentido das coisas: quão feliz é uma criança recebendo uma bola de plástico? Tão ou mais do que aquele adulto que recebeu uma herança! A poesia de Vincent van Gogh está na luta diária que ele travava contra seus fantasmas... Sobre ele já disse um poeta: “Esse mundo não foi feito para alguém tão maravilhoso como você”. Para mim, ninguém escreveu, a seu modo, mais poesias do que Vincent.

“Sei que ler, ouvir, dizer poesia hoje, nesse tempo de tanto desapego, tanta correria, é uma tarefa difícil. É como provocar o mundo, ofender o mundo. Vivemos como se nãooubessem mais o silêncio, as delicadezas. Mas cabem, sim, e isso me comove”. Concordo: cabem, sim, as delicadeza, as poesias! E cabe a nós, leitores cidadãos, contribuir para tornar nossa comunidade e nosso país uma poesia – uma poesia concreta, mas que garanta uma vida com mais poesia para todos.

Estamos no Advento. Preparamo-nos para a vinda do Menino. O Jesus Menino é poesia pura! O Jesus Homem também... Suas ideias nos encantam há milênios – e não são poucos os que tentam roubar-lhe a poesia das palavras, das lições, dos exemplos. Neste Natal, com o coração iluminado pela compaixão, pela solidariedade, pelo espírito de união, leia uma poesia do Menino!

A poesia é pessoal. Gosta-se ou não. Busque a sua, seja na Literatura, nas artes plásticas, na música, no Menino... Encontre-se com a sua poesia!



Que o Menino Jesus ilumine o Natal com esperanças de dias melhores e momentos especiais em nossa vida!

Que Ele ilumine nossas famílias para que jamais nos esqueçamos de que a compreensão é a base de tudo.

Que este Natal seja mais do que uma festa, seja a celebração de um recomeço cheio de paz e amor entre os homens de boa vontade!

Boas Festas e um próspero Ano Novo!



Chave dialógica

No último dia 10 de dezembro comemoraram-se 70 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos, proclamada em 1948 pela Organização das Nações Unidas (ONU) em um esforço das principais nações do planeta em repactuar direitos individuais e coletivos atacados pelo horror da Grande Guerra Mundial. A data, que passou à história como o Dia Internacional dos Direitos Humanos, é lembrada todos os anos pelo mundo para reivindicar ações por parte do Estado e da sociedade no sentido da proteção dos direitos inerentes aos seres humanos, como a liberdade, a igualdade, a dignidade e o direito à vida.

A concepção de direitos humanos como a conhecemos é resultado de um longo trajeto na história das ideias. Como demonstra a historiadora Lynn Hunt em “A Invenção dos Direitos Humanos” (Cia das Letras, 2009), o movimento literário do romantismo e o ativismo contra a tortura na Idade Moderna foram responsáveis por um crescente sentimento de empatia entre os indivíduos, numa sociedade ainda aristocrática na qual os membros dos diferentes estamentos sociais não se entendiam como iguais. A Revolução Francesa, embalada pela radical ideia de um igualitarismo democrático que enxergava to-



dos os indivíduos como seres livres e iguais entre si, viu seus princípios se formalizarem na “Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão”, proclamada em agosto de 1789 pela Assembleia Nacional Francesa. Sem exagero, pode-se dizer que a carta, atualizada em 1948, assentou os preceitos da civilização, prevendo o respeito a um patamar mínimo de direitos como condição para uma sociedade justa e virtuosa.

Na atual conjuntura mundial, e especialmente no Brasil, o conceito de Direitos Humanos vem sendo mal interpretado, através da ação intencional de alguns que se locupletam com a desinformação, como se representasse a defesa daqueles que atentam contra a paz, a liberdade e a segurança das

pessoas e das famílias. Trata-se, no entanto, de engano. Os Direitos Humanos, como se deduz do termo, buscam assegurar a todos, independente da origem ou contexto, a dignidade e o respeito que o Estado e a Sociedade devem fazer valer.

O sentimento de empatia, desatado por Hunt e amplamente tratado pela filosofia cristã – de papel central na formação ideológica do ocidente, se baseia na capacidade dos seres humanos de

se enxergarem uns nos outros, sentindo as agruras, as angústias e os dilemas aos quais todos os seres dotados de consciência e subjetividade estão submetidos. No debate público brasileiro, interditado pela histeria, a retomada desse conceito pode ter um papel didático para os brasileiros: Se por um lado ainda é difícil compreender a racionalidade e a virtude subjacentes à concepção dos direitos humanos, considerar o outro como um igual, digno das mais variadas determinações, como qualquer um, pode ser uma chave a destrancar a diálogo no país. Mais de duzentos anos depois, os valores que embalsamaram a construção do mundo como o que conhecemos continuam úteis à solução de alguns dos nossos conflitos.

Rafael Domingues de Lima

Que o mundo seja inundado de fraternidade, justiça e paz!

Vivemos o advento de mais um Natal. A cada ano, em 25 de dezembro, celebramos a data cujo conteúdo é indispensável à fé cristã, pois marca a reviravolta da história da salvação, com sua complementação e coroamento histórico por meio da encarnação do Filho de Deus, o Verbo eterno, a segunda pessoa da Santíssima Trindade, que, nascido da Virgem Maria, recebeu o nome de Jesus Cristo.

A festa é sempre a mesma, mas os enfoques variam ano a ano e, por isso, a criatividade se coloca em ação para fornecer novos elementos para bem celebrarmos, de modo renovado, em termos teológicos, litúrgicos, espirituais e sociais, esse acontecimento ímpar de um Deus que se faz um de nós, para conosco conviver e nos revelar o caminho da felicidade.



O Natal está enraizado na vida de nosso povo. É um momento mágico que impulsiona nosso coração a salientar os mais caros valores morais e espirituais que acreditamos ingredientes indispensáveis para a felicidade de qualquer pessoa.

Nos cartões, e-mails, cartas, telefonema e encontros pessoais, nossa saudação se transforma em oração: “Feliz Natal!”, “Desejo-lhe um Feliz Natal!”, “Que o Natal lhe traga saúde e paz!”. Por toda parte, são estímulos e gestos concretos de solidariedade, que levam consigo, simbolicamente, o mais importante: nosso desejo de que o mundo seja habitado pela fraternidade, pela justiça, pela paz.

Neste Natal, que o Menino Jesus nos inspire e nos faça instrumento de paz e se mantenha presente em nossos corações em todos os dias do próximo ano!



“Glória a Deus nas alturas e paz na Terra para os homens”

Pe. Fabrício Beckmann

A alegria que vai se apoderar de todo o povo é cantada antes, pelo Coro Evangélico, aos pobres pastores de Belém, primeiros destinatários da notícia de que Jesus nascera.

O canto dos anjos tem implicação direta na vida dos homens. Deus é glorificado nas alturas, desde que o nascimento de Jesus traga paz aos homens na Terra.

Para os contemporâneos e conterrâneos de Jesus, o conceito de Shalom, que nós, ocidentais, traduzimos por paz, era muito mais abrangente que o nosso. Shalom não é apenas antônimo de guerra e violência; é a satisfação das necessidades da vida. É sentimento de completude, experiência de saciedade e prazer. Nesta concepção, vivencia-se a paz, por exemplo, quando se deixa a mesa após uma refeição, quando se bebe um copo de água fresca pondo fim à sede. Paz é o sentimento de satisfação, de experiência de que não há nada em falta.

Quando os anjos anunciaram “Paz na Terra para os homens”, certamente os pastores compreenderam que um tempo novo se iniciava na história humana. Se existe paz, não existe exclusão e não há privação de direitos essenciais à vida, como água, alimento, moradia, trabalho, terra e tantos outros.

Acolher o canto dos anjos é acreditar num mundo mais justo, onde o acúmulo de bens e poder dá lugar à partilha e à igualdade; a exploração do trabalho é substituída pela justiça; o conhecimento é democratizado e todos podem pensar e se expressar livremente. Se o mundo não for assim, a vida não se torna uma experiência satisfatória e a paz não pode acontecer entre os homens.

O Shalom se faz presente em nossas vidas quando aprendemos com Jesus que Deus é Pai Nosso e, por isso, somos irmãos e o pão nosso de cada dia também deve ser nosso. Quando o Pai e o pão são partilhados, vem a nós o reino de Deus, que é reino de Shalom, de paz entre os homens. Reino feito de gente saciada de pão, de paz e de irmãos contentes com a vida que levam.

Então, por haver paz entre os homens na Terra, Deus é glorificado nos céus.

Maria de Nazaré: Peregrina da Salvação

Romaria. É o termo preferido.

Quando constatamos a movimentação de milhões de romeiros em direção aos santuários dedicados à Mãe de Jesus Cristo e buscamos explicações, inadvertidamente deixamos de lado a principal delas: Maria de Nazaré foi uma romeira. E ela não buscava um lugar santo. Ela levava o Santo aos locais a que se dirigia.

A primeira peregrinação de Maria de Nazaré foi ao monte de Hein Karen, a casa de verão de Zacarias. Um esforço de 124 km.

Já carregava o Santo em seu ventre.

À chegada, a idosa prima Isabel sentiu o Batista saltar-lhe no ventre – “o maior homem nascido de mulher” já reconhecia a presença do Salvador.

É chegada a hora do recenseamento. É preciso ir a Belém.

A peregrina Maria de Nazaré vai enfrentar 154 km no último período da gravidez.

Uma gruta, uma lapinha, um presépio destinado aos animais a acolheu já à beira da exaustão.

Pouco tempo depois, os pastores alertados pelos Anjos dos Céus, e os Reis Sábios, inspirados pela luz da ciência já reverenciavam o Santo que acabara de nascer.

A obsessão pelo poder desequilibra a mente humana. Desesperado com o sumiço dos nobres estrangeiros que não voltavam para dar notícia do Novo Rei, Herodes manda matar as crianças nascidas na ocasião indicada pelos sábios.

Era preciso salvar o Santo – uma peregrinação de 450 km até o Egito.

Agravante: o Menino não estava mais



Detalhe de “Fuga para o Egito”, de Cândido Portinari

protegido no ventre da Mãe.

O Egito para nós é sinal de cativeiro. Mas é preciso lembrar que o Egito salvou José da inveja dos irmãos; salvou Moisés das águas e lastreou a têmpera de Josué, o que venceu o deserto.

Abençoado Egito que, agora, salva o Santo.

A peregrinação de Maria de Nazaré neste momento não se mede em quilômetros. Não há como calcular a intensidade da dor.

Do Palácio de Pilatos ao Calvário, vê o Santo humilhado, ensanguentado, arcado pelo peso da cruz.

De pé e em pé, a Mãe vê o amado Filho entregar o espírito ao Pai.

É tempo de Natal.

Vamos em romaria ao presépio. Vamos visitar a Peregrina da Salvação. Vamos glorificar o Pai pelo Menino que sorri na manjedoura e nos aponta o mundo que há de vir.

Abigayl Lea da Silva

Natal é luz anunciada

O Natal liga-se aos solstícios e por eles tem sua luz anunciada.

Solstícios referem-se, nas estações do ano, às posições em que a terra registra, nos dois hemisférios e ao mesmo tempo, os inícios do verão e do inverno. Essas posições astronômicas acentuam as diferenças horárias na duração dos dias e das noites. Como sabemos, o verão possui os dias longos e as noites curtas; e o inverno, o contrário.

Assim, nas datas de 21 de junho e 21 de dezembro ocorrem os solstícios, alternados no norte e no sul – o dias mais longo, início do verão, oposto à noite mais longa, início do inverno. Portanto, no hemisfério norte, aquele no qual Cristo nasceu, o 21

de dezembro – vésperas da data em que se comemora o Natal – acusa a presença da noite mais longa do ano.

O nascimento do Menino Jesus revela a luz que se espera e se anuncia, em presságio de paz, na alvorada de um novo tempo. Esta é a mensagem do Natal, antecipada para os católicos pelo Advento, quando, em quatro domingos sucessivos, acende-se uma vela votiva especial para a missa.

Não é, pois, sem motivos, que o Evangelho e as Profecias, antecessores dessas datas em dezembro, sejam voltadas para o Apocalipse e a possibilidade de salvação. Sob a égide de Miguel, o “Grande Príncipe”, segundo o profeta Daniel, os povos se libertarão e serão avaliados pelos caminhos e suas luzes.

Nossos dias ensolarados da posição tropical no hemisfério sul garantem-nos, no Natal, o prolongamento da iluminação diurna. A simbologia da luz torna-se plena na tranquilidade da noite.

É preciso que Deus nasça menino todos os anos e que a luz expandida no Natal seja mensagem de confraternização e partilha.

Dóli de Castro Ferreira

